



## Discernimento moral e ética cristã: Um desafio contemporâneo

Moral discernment and Christian ethics: A contemporary challenge

Daniela Senger\*

**Resumo:** Este estudo teórico versa sobre o discernimento moral e ético ante a vida e pluralidade humana, perpassando as mudanças de eixo, opinião e postura dada a emergência de novas formas de viver a família, o matrimônio e a sexualidade no meio social e eclesial contemporâneo. Ademais, o presente artigo reflete a urgência de uma nova ética e hermenêutica bíblica, com alicerce nas ações e reflexões de movimentos de ruptura da estrutura moral excludente e fundamentalista, como a teologia gay e a teologia feminista. Discernir questões morais e éticas no que se refere à sexualidade humana – conforme ponderações conceituais de Roy May e Enrique Dussel – encontra caminho na noção e na vivência da *alteridade*.

**Palavras-chave:** Discernimento moral e ética cristã. Pluralidade. Sexualidade. Homossexualidade. Sexismo.

**Abstract:** This theoretical study focuses on moral and ethical discernment towards life and human plurality, reflecting on the changes of axes, opinions and stances with the emergence of new ways of living family, marriage and sexuality in contemporary, social and ecclesial environments. Furthermore, it reflects on the need for new ethics and biblical hermeneutics, sustained by the actions and thoughts of movements which seek to break the excluding and fundamentalist moral structure, for example, gay theology and feminist theology. Discerning moral and ethical issues with regard to human sexuality, according to Roy May and Enrique Dussel, happens as we learn and live the notion of *alterity*.

**Keywords:** Moral discernment and Christian ethics. Plurality. Sexuality. Homosexuality. Sexism.

### Introdução

Este estudo tem como foco o discernimento moral e ético ante a vida e pluralidade humana, perpassando as mudanças de eixo, opinião e postura dada a emergência de novas formas de viver a família, o matrimônio e a sexualidade no meio social e eclesial contemporâneo. Ademais, busca-

\* Mestra em Teologia pela Faculdades EST e integrante do Núcleo de Pesquisa de Gênero/Programa de Gênero e Religião/Faculdades EST. Professora voluntária na Universidade Federal de Sergipe – Ciências da Religião. Contato: <dansenger@gmail.com>.



se com ele refletir sobre a pertinência de uma nova ética e uma nova hermenêutica bíblicas, alicerçadas nas propostas da teologia gay, apresentada pelo teólogo luterano André Musskopf, e da teologia feminista.

Contando com as ponderações conceituais de Roy May e Enrique Dussel, discernir questões morais e éticas no tocante que se refere à sexualidade, especialmente no tocante à homossexualidade, é ação inadiável, posto que a realidade humana é perpassada por constantes mudanças e transformações, a qual se torna cada vez mais plural e heterogênea, também no âmbito da sexualidade. A noção de *alteridade* e o conceito de *cara a cara* são caminhos plausíveis para o discernimento moral e ética cristã.

### Discernimento moral e ética cristã

O discernimento moral é um passo na busca por entendimento sobre temas centrais na vida da pessoa e da comunidade cristã e, igualmente, na vida do ser social. Na obra do teólogo americano Roy May, intitulada *Discernimento Moral: uma introdução à ética cristã*, – a ética e a moral não são estabelecidas como existencialmente diferentes. Segundo May, a ética busca garantir uma convivência comunitária com base em princípios sólidos, capazes de promover uma vida conjunta benéfica e integral. Ou seja, a ética cristã alicerça-se na ideia de uma convivência comunitária responsável e solidária. Os termos bíblicos *koinonia* (“comunhão, comunidade, colaboração, participação, solidariedade, compartilhamento e unidade”)<sup>1</sup> e *ágape* (“amor compartilhado de maneira serviçal”)<sup>2</sup> ilustram a visão cristã quanto à essencialidade da preocupação ética.

Existir é ser social. Assim sendo, o indivíduo não faz sentido e nem se entende a partir de si, mas é, existe e se compreende no conjunto social. As regras dessa convivência não são dadas pela natureza, mas criadas pelos/as integrantes do sistema comum. O sistema criado é segmentando econômica e socialmente, gerando desigualdades e uma divisão desequilibrada de poder entre as classes socioeconômicas, as raças, os sexos, sexualidades e idades.<sup>3</sup> Como ilustra o ditado popular, “o sol nasce para todos, mas a sombra é para quem merece”. Ou seja, todos/as nasceram dentro do mesmo sistema, todos/as são “iguais, mas alguns [...] são mais iguais do que os outros” [*sic*],<sup>4</sup> em conformidade com o autor de *A revolução dos bichos*,<sup>5</sup> George Orwell, o qual

<sup>1</sup> MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 22.

<sup>2</sup> MAY, 2008, p. 22.

<sup>3</sup> DALY, Herman E.; COBB, John B.; COBB, Clifford W. *For the Common Good: Redirecting the economy toward community, the environment, and a sustainable future*. Universidade de Minnesota: Beacon Press, 1989, apud MAY, 2008.

<sup>4</sup> ORWELL, George. *Animal Farm*. Penguin Books Limited, 2003. “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros” (p. 135).

<sup>5</sup> A obra foi escrita durante a Segunda Guerra Mundial e publicada em 1945. A fábula é uma crítica voraz à ditadura stalinista.

explica, de forma metafórica e fabulosa, o que a luta por poder gerou na sociedade de sua época e contexto: segmentação e desigualdades que *hoje* são, muitas vezes, vistas e sentidas como “naturais” e dadas. O sistema desequilibrado se fez e temos uma má distribuição de bem-estar, valor, “merecimento”, prestígio e obrigação moral, como corrobora May.<sup>6</sup> A ética atenta primordialmente para o bem-estar da comunidade, que, consonante com Daly e Cobb, é a garantia do bem-estar do indivíduo (DALY; COBB, 1989 apud MAY, 2008).

Aqui, é relevante a noção de comunidade moral. Segundo May (2008), antropologicamente a comunidade moral é aquela que obtém nossa preocupação e obrigação moral. Ao definir o seu grupo moral, o “bando” se vê no direito de excluir e, inclusive, extinguir outros grupos que considera inferiores e desiguais, exatamente por não serem, em sua concepção, “moralmente iguais”. Fala-se novamente em “merecimento moral”: o meu grupo merece uma distinção moral em detrimento do grupo de outrem, fato antropológico que pode ser facilmente comprovado com memórias históricas de massacres e genocídios. Contemporaneamente falando, vemos “comunidades morais” – e o próprio sistema no qual estamos inseridos é uma comunidade moral – abusando, excluindo e dilacerando raças, identidades de gênero e minorias. Citam-se as pessoas negras, homossexuais, indígenas, pessoas com necessidades especiais, pobres, entre muitas outras categorias. Enquanto este é o cenário, as “comunidades morais” comumente ou abusam e excluem o outro e a outra, ou postam-se neutras e indiferentes frente à realidade: veem, mas não enxergam. Muitos grupos e indivíduos encontram-se não somente à margem social, mas na total *invisibilidade*, e tampouco são ouvidos. Sua condição os aprisiona, excluindo-os de “merecimentos” (participação social, bem-estar, bens, serviços, justiça, dignidade, políticas públicas, direitos humanos etc.).<sup>7</sup>

A comunidade moral é também ou concomitantemente a comunidade religiosa. Religiões são conjuntos ou sistemas de “símbolos e imagens construtoras e definidoras do sagrado, de divindades, do transcendente”<sup>8</sup> e, portanto, as religiões são formatadoras de normatividade moral que visam organizar e controlar as ações humanas e a convivência social. A moralidade religiosa é a dimensão prática da vida religiosa no campo social e político, bem como na vida privada e na intimidade dos indivíduos. Ou seja, a religião não é um sistema etéreo e distante da vida, e sim um sistema vivo, dinâmico e prático que referencia as construções e ações morais e culturais de sociedades humanas. Numa palavra, a religião determina o modo de ser e estar no mundo de indivíduos e grupos humanos.

Ao adentrarmos a ética cristã, a pergunta acerca do “próximo” é deveras central. No entanto, May afirma que “quem é o meu próximo” (Lucas 10: 25-37 – A parábola do Bom

<sup>6</sup> MAY, 2008, p. 22-24.

<sup>7</sup> MAY, 2008.

<sup>8</sup> NEUENFELDT, 2008, p. 11.



Samaritano) não é a questão-chave aqui, mas sim “de quem eu sou o próximo”.<sup>9</sup> A ética olha para o ser e para o todo. Sua preocupação está no par imbricado que é o indivíduo-social, o ser individual e a sociedade, inseparáveis. Por esse viés, May considera indispensável à ética discorrer e apossar-se do conhecimento sobre a *alteridade*, que é exatamente a noção que pergunta e olha (enxergando) o “outro” e a “outra”. A alteridade é, hoje, a chave para uma mudança de eixo na comunidade moral excludente.<sup>10</sup> A noção de “outro/outra” evidencia que a vida social é plural e marcada por diferenças, ou seja, é parte do formato nato da sociedade e se realiza em suas dinâmicas. A “diferença” é e está na gênese social, assim como é a causa formadora de muitos conflitos. A complexa noção de alteridade abarca, entre outras nuances, a (con)vivência da diferença ante a diferença e a diminuição ou erradicação de conflitos causados pela diferença.<sup>11</sup>

Chegamos, assim, ao conceito de cara a cara<sup>12</sup> de Enrique Dussel, que afirma que é no estar frente a frente com o rosto de outra pessoa de forma real e carnal que nos tornamos *peessoas*: nesse encontro, “ela é alguém para mim e eu sou alguém para ela. O estar *cara a cara*, entre duas pessoas ou mais, é o *ser pessoa*”.<sup>13</sup>

Desta verdade se infere a afirmação de que é na relação de proximidade e convivência empírica e prática com o outro e com a outra que emerge a ética (da alteridade),<sup>14</sup> que busca romper com a estrutura desigual entre os “eus” e os “outros”, inaugurando uma procura respeitosa pelo “nós”, como pontua May. O rosto dominador enxerga o rosto oprimido e os rostos de ambos se voltam mutuamente às ações de transformação e libertação do/da oprimido/a, e, nesse processo, o/a outro/a oprimido/a renasce em termos de merecimento e pertencimento social. O rosto opressor também renasce como próximo do rosto oprimido em uma relação de “respeito infinito”<sup>15</sup> e “amor de justiça” (ágape),<sup>16</sup> núcleo da vida e da ética cristã, vivido no plural e em comunidade. Dussel reitera que esta é “uma comunidade onde a *individualidade* se realiza plenamente na absoluta comunicação comunitária”,<sup>17</sup> ao passo que a individualidade, erigida por princípios de pecado acima da – e sobre – a comunidade, gera o que o autor chama de “anticomunidade”, e, nesse caso, a *individualidade* autodestrói-se e destrói o/a outro/a, o próximo, o rosto oprimido.<sup>18</sup>

No espaço contemporâneo de vida, as noções morais e éticas supracitadas estão para ajudar a perceber e a concluir que o que germina atos intolerantes, violentos e antiéticos contra

<sup>9</sup> MAY, 2008, p. 25.

<sup>10</sup> MAY, 2008.

<sup>11</sup> VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

<sup>12</sup> DUSSEL, Enrique. *Ética comunitaria*. Florida, Argentina: Ediciones Paulinas, 1986.

<sup>13</sup> DUSSEL, 1986, p. 17 (tradução e grifo nossos).

<sup>14</sup> MAY, 2008.

<sup>15</sup> MAY, 2008; DUSSEL, 1986, p. 17-18.

<sup>16</sup> DUSSEL, 1986, p. 18.

<sup>17</sup> DUSSEL, 1986, p. 19 (tradução nossa).

<sup>18</sup> DUSSEL, 1986, p. 26-35.

grupos ou minorias são fatores e comportamentos como a individualidade sobreposta à comunidade, a escassez de experiências de alteridade, práticas positivas de convivência mútua, de olhar o rosto do outro e da outra, de ficar cara a cara, de ser o próximo do outro/da outra e de reconhecer sua comunidade como igualmente merecedora de “respeito infinito” e “amor de justiça”. Assim, todos os dias sociedades testemunham e protagonizam atos preconceituosos, repugnantes e perversos contra grupos e indivíduos que não são reconhecidos pela moralidade fundante de sociedades conservadoras e excludentes.

Em nosso meio, por exemplo, a moralidade (silenciosa ou não) – construída e formada histórica, subjetiva e socialmente – impôs e ainda impõe, há muito tempo, caráter impróprio ao comportamento e à vivência sexual/afetiva entre pessoas do mesmo sexo. Comumente, tal concepção tem característica fundamentalista<sup>19</sup> e argumenta a favor de uma fidelidade bíblica, a qual é bastante disseminada no meio religioso conservador. Contudo, o tema da homossexualidade e a posição frente a esta dimensão da vida humana não se apresentam como assuntos “leves”, naturais e resolvidos mesmo em comunidades mais abertas e flexíveis, tampouco na sociedade civil, formada por pessoas cuja formação moral difere. Exemplo disso é a grande discussão que houve em torno do Projeto de Lei da Câmara n.º 122/2006 que visava criminalizar atos homofóbicos no Brasil (tramitou por 12 anos na Câmara e no Senado e foi anexado ao projeto de reforma das leis penais do Senado, sob o perigo de lá desaparecer), bem como as discussões em torno da aceitação e da realização de casamentos entre pessoas homossexuais.

Ainda em termos de discernimento moral, *discernir* é uma das chaves na busca por relações humanas de tolerância e igualdade haja vista os direitos humanos. Como entender, questionar e criticar uma moralidade tradicional e aparentemente indissolúvel em nossa época e contexto? May assevera que

Do ponto de vista da ética, o problema é que *nem toda moralidade aprendida socialmente é aceitável*, muito menos cristã, inclusive nas sociedades chamadas “cristãs”. Como processo irrefletido, também é acrítico. Manifesta-se o pecado social. Por isso a ética se preocupa com a clareza da sociedade, das pessoas e das relações ou inter-relações entre elas. Para a ética é importante que o aprendizado moral seja também reflexivo e crítico. *Como participantes inevitáveis da socialização, podemos ser conscientes e críticos daquilo que aprendemos*. Essa tomada de consciência é a “conscientização”: o ato de processar criticamente e de empreender *novas definições e ações daquilo que constitui a moral*. A ética preocupa-se muito com a conscientização. Isso, por sua vez, incide sobre a própria sociedade. Como acabamos de mencionar, *relações novas e diferentes são construídas com base numa nova ética*.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Em Leonardo Boff lemos que o fundamentalismo “não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista”. (BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 25).

<sup>20</sup> MAY, 2008, p. 39 (grifo nosso).



Este excerto compreende um resumo do que significa *discernir*, o que quer dizer *discernimento moral*. Discernir ultrapassa a escolha ou a renúncia de uma atitude ou comportamento moralmente aceitável no viver social; é, sim, questionar as regras e leis morais não edificantes que são “repassadas” e ensinadas ao ser social desde o seu nascimento, pela família, escola, comunidade religiosa e no meio social ou político. Anuímos que atitudes e posições de discernimento, criticidade e conscientização frente ao que nos é ensinado como “norma moral” tornam-se caminhos no labor por novas relações, novos modos de viver a família, o casamento e a sexualidade, enfim, novas convivências em comunidades, que surgem com novos rostos e cores diversas em cada momento histórico.

Nesse mesmo sentido, aquiesce Dussel ao afirmar que todo e qualquer sistema apresenta suas normas e leis como boas, naturais e “normais”, e a pessoa que as cumpre é vista como justa e boa. Isso posto, pensa-se então nos incontáveis sistemas opressores de outrora e os vigentes, que defendem práticas perversas e opressoras como sendo ações justas e bondosas:

Isto tem gerado uma total inversão. A dominação e o pecado se transformaram no fundamento da realidade. A práxis perversa é agora bondade e justiça. A ideologia – como acobertamento da realidade de dominação – vem justificar a práxis da carne e do mundo como sendo o próprio Reino de Deus.<sup>21</sup>

Consonante com Dussel, a moralidade também pode ser nociva, perversa e negativa. É interessante, portanto, pensar sobre a noção de pecado social,<sup>22</sup> quando o pecado<sup>23</sup> torna-se institucionalizado dentro do sistema.<sup>24</sup> Clodovis Boff afirma que o pecado social é um ato humano – negativo e mal – contra a vida em sociedade. O pecado social “adquire uma existência exterior à consciência dos indivíduos e se impõe a ela. Exatamente a isso aludimos ao falar de ‘estruturas de pecado’. As estruturas não são coisas, mas um *modo de relação*”.<sup>25</sup> Isto é, relações sociopolíticas baseadas em preconceito, subjugação, opressão e desrespeito configuram o *pecado social*; e, novamente, podemos citar inúmeros grupos que sofreram e sofrem as chagas do pecado social na comunidade onde vivem. Regimes de escravidão, *apartheids*, holocaustos, genocídios, violência e exclusão por questões de gênero, sexualidade, raça e classe fazem parte da lista de pecados sociais cometidos por sociedades e, muitas vezes, implantados pela própria política estrutural no contexto em questão.<sup>26</sup>

---

<sup>21</sup> DUSSEL, 1986, p. 42 (tradução nossa).

<sup>22</sup> BOFF, Clodovis; CHRISTO, Alberto Libanio. Pecado Social y conversion. In: *Pecado social y conversion estructural*. Bogotá: CLAR, 1978.

<sup>23</sup> Segundo May (2008, p. 34), o pecado, como assunto central da teologia, é, outrossim, tema essencial para a ética cristã. Em termos breves, o pecado é o “cometer o mal”, “errar o alvo”, estar em dissonância com Deus, com a natureza e com o próximo, um comportamento contrário à vida plena, digna e abundante.

<sup>24</sup> DUSSEL, 1986; MAY, 2008, BOFF, 1978.

<sup>25</sup> BOFF, 1978, p. 24.

<sup>26</sup> BOFF, 1978.

Histórica e contemporaneamente, não faltam exemplos de movimentos e propostas que surgiram visando eliminar e desestruturar o sistema segmentado e injusto que se colocou como “natural” ante nossos olhos e rostos. A seguir, atentamos para exemplos de atuações sociais e individuais que labutam por relações de tolerância e igualdade no campo religioso cristão no que tange às questões de gênero e sexualidade.

### **Movimentos de ruptura frente às comunidades morais excludentes**

De acordo com André Musskopf, teólogo luterano brasileiro, nasce uma nova era histórica e eclesial a partir da década de 1960; uma época de renovação e abertura, sobretudo na igreja tradicional da América Latina. Com isso, fala-se de um sujeito histórico e teológico renascido, novo. A partir dos anos 1960, é possível conhecer uma série de movimentos que passaram a levantar suas vozes em favor de grupos estigmatizados e minorias. Citam-se Paulo Freire, com a pedagogia do oprimido, a teologia da libertação e sua opção pelos pobres e oprimidos, o movimento e teologia feminista, o movimento gay e a teologia gay.<sup>27</sup>

Como esse estudo está arraigado na temática de gênero, versar-se-á, doravante, sobre os movimentos feminista e gay/LGBT como exemplos de comunidades que surgiram frente à realidade de uma moralidade inaceitável para seu grupo de rostos, entre estes a teologia feminista e a teologia gay. Buscaram e buscam, assim, discernir a moralidade conservadora e colaborar para uma nova ética junto às novas relações humanas em um novo tempo.

Conforme a teóloga feminista Elisabeth Fiorenza, o movimento e a teologia feministas apontam para um redescobrimto histórico e um reclamar por direito de voz para contar e recontar a própria história.<sup>28</sup> O estudo feminista, a partir de conceitos heurísticos feministas, quer reconstruir a imagem escondida e invisível das mulheres na história primitiva do cristianismo. Há, sim, uma restituição devida às mulheres, mas há, outrossim, uma restituição devida à história que se conhece, a qual pode e deve ser enriquecida e complementada com os fatos “desbotados” e obscurecidos em torno da participação e importância das mulheres na formação (androcêntrica) do povo cristão.<sup>29</sup>

As mulheres reclamam para si um “repossuir” da sua história como seres humanos integrais, exatamente porque, ao terem vivido e por ainda viverem oprimidas, a história lhes foi negada. “Sua” história foi “escrita” pelo seu opressor. Reescrever esta história é resgatar uma memória capaz de fortalece e redefinir o seu presente, como assevera a artista e educadora

<sup>27</sup> MUSSKOPF, André. *Uma Brecha no Armário*: propostas para uma teologia gay. São Leopoldo: EST, 2002.

<sup>28</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher*: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

<sup>29</sup> FIORENZA, 1992, p. 9-12.

feminista Judy Chicago:<sup>30</sup> “todas as instituições de nossa cultura dizem-nos – por palavras, fatos e, pior, pelo silêncio – que somos insignificantes, mas nossa herança é nossa força”.<sup>31</sup>

Assim como a história (androcêntrica) outrora definiu o papel e posição da mulher social, cultural e religiosamente, a história redescoberta e relida tem força para redefinir e resgatar as mulheres hoje. “Uma reconstrução feminista das origens cristãs primitivas busca recuperar a herança cristã das mulheres, porque, [...] ‘nossa herança é nossa força’”.<sup>32</sup>

Resta à hermenêutica feminista a tarefa (heurística) de (re)encontrar, (re)descobrir e (re)obter o que está historicamente velado – revelar, tirar o véu, deixar ver. Da mesma forma, cabe a si reler o que sempre foi considerado como “plenamente” estabelecido a partir de outros olhos, os olhos dessa nova hermenêutica. Como destaca Fiorenza, busca-se aumentar a imaginação histórica, trazer à tona um novo paradigma feminista e uma hermenêutica da suspeita frente ao que é posto como inquestionável,<sup>33</sup> inclusive e especialmente os textos sagrados que versam sobre mulheres e esposas desde o relato da criação em Gênesis 2: 18-24 (a mulher é criada *a partir* do homem para ser *sua mulher e ajudante*)<sup>34</sup> até o Novo Testamento.

Estes textos, em sua maioria, imputam-lhes um *ethos* de inferioridade e submissão aos homens e maridos (as mulheres devem se sujeitar aos seus próprios maridos: 1 Pedro 3:1), antecipam posições e lugares sociopolíticos e religiosos de caráter secundário ou/e inferior para as mulheres, bem como negam sua capacidade e direito à liderança (Cristo é a cabeça do homem, e o homem é a cabeça da mulher: 1 Coríntios 11:3/Efésios 5; a mulher deve aprender em silêncio, com toda a submissão). E não é permitido que a mulher ensine nem que exerça autoridade de homem. Deve, porém, permanecer em silêncio (1 Timóteo 2:11-12). Hoje, estes conteúdos ainda são lidos e relidos de forma fundamentalista por muitas frentes religiosas conservadoras. O patriarcalismo, ancorado na leitura fundamentalista e descontextualizada de textos sagrados, legitima a opressão das mulheres na família e na sociedade e é uma das bases para a misoginia<sup>35</sup> e a violência sexual e de gênero sofrida por mulheres em todo o mundo.

<sup>30</sup> FIORENZA, 1992.

<sup>31</sup> CHICAGO, Judy. *The Dinner Party a symbol of our heritage*. Anchor Books, Garden City, New York. Edition 1979.

<sup>32</sup> FIORENZA, 1992, p. 17; CHICAGO, 1979.

<sup>33</sup> FIORENZA, 1992.

<sup>34</sup> Gênesis 2: 18: O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma ajuda que lhe seja adequada”. Gênesis 2: 21-24: “Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. “Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem”. Por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à *sua* mulher; e já não são mais que uma só carne”.

<sup>35</sup> Fenômeno complexo que está baseado no ódio e aversão às mulheres; se manifesta em discursos sexistas, violência física e psicológica, negação de direitos, desprezo, subordinação, dominação etc.





Historicamente, as mulheres (e a sociedade) sempre olharam para a sua existência e atuação através de “janelas” (parcialmente) abertas pelos seus opressores. Destarte, também enxergaram apenas uma parte da *sua* paisagem histórica. O estudo feminista quer abrir todas as janelas e portas fechadas e proporcionar às mulheres (e aos homens) contemporâneas uma visão ampla do paradigma androcêntrico com vistas a um processo de transformação e abertura de novos e mais amplos horizontes bíblicos, históricos e contextuais, com vistas à vida nova, plena e digna para as mulheres como seres humanos integrais.

Conhecer e redescobrir a própria história (geral e bíblica) é uma chave para a libertação, resgate e dignidade das mulheres, das pessoas negras, das pessoas homossexuais etc. O *ethos* opressor da história geral e cristã (branca, patriarcal e heterossexual) pode e deve servir como base no labor histórico-crítico por integridade humana hoje: suspeitar, dialogar, discutir, interpretar, reinterpretar, resgatar, transformar, igualar, libertar. Refaz-se a história; renasce uma nova ética, uma nova relação, uma experiência libertadora na vivência da alteridade.

Por sua vez, o movimento gay (hoje mais comumente chamado de LGBT)<sup>36</sup> também surge como um grito por libertação e inclusão das pessoas homossexuais no fazer e refazer da história. O termo homossexual surge apenas em 1989, mesmo que as pessoas homossexuais tenham sempre existido, desde os primórdios dos tempos. Os movimentos surgem na busca por identidade e visibilidade do sujeito homossexual. Pessoas LGBTs requerem voz e dizem não à invisibilidade imposta por um anonimato preconceituoso, de negação e arraigado em tabus, moralidade e moralismos, pontua Musskopf.<sup>37</sup>

Assim como o movimento feminista, o movimento LGBT luta por libertação e voz para poder contar e reconhecer-se na história. Homens e mulheres homossexuais buscam-se como sujeitos que têm nome e corpo; um corpo que não se reconhece, não se entende e não vive de maneira plena na normatividade heterossexual imposta pela moral sexual tradicional e conservadora. Como essa questão está intensamente ligada ao moralismo sexual e à interpretação bíblica, Musskopf afirma que o pioneiro movimento gay teve aceitação e disseminação diferente e menos profunda no campo teológico e eclesial se comparado à teologia da libertação e feminista e aos movimentos feministas surgidos na mesma época e contexto. A partir do Papa João Paulo II, a Igreja Católica de Roma deliberadamente ergue sua voz contra a homossexualidade, enviando ao mundo uma mensagem desaprovadora e homofóbica, ainda que seja sabido que, anteriormente, atos violentos, homofóbicos e excludentes já ocorriam “atrás das cortinas” da igreja.<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero.

<sup>37</sup> MUSSKOPF, 2002.

<sup>38</sup> MUSSKOPF, 2002, p. 26 - 30.

Musskopf assevera que o fato de a Bíblia e a homossexualidade serem colocadas em contraponto é responsável pelo embate conhecido e acirrado entre a igreja e o movimento LGBT. É necessário compreender e resgatar a identidade da pessoa homossexual em integralidade e respeito, enxergando-a como ser atuante histórica e contextualmente. Em vez disso, o mais comum comportamento e posição da igreja conservadora, e também da sociedade civil como um todo, tem sido a condenação moral e a negação da subjetividade da pessoa homossexual, quase sempre arraigada em uma argumentação bíblica ou com base em ideias de “anormalidade” moral. Ademais, há muito desconhecimento quanto à diversidade sexual que perpassa a vida humana histórica e contemporaneamente, bem como uma alienação quanto às ambiguidades da existência.<sup>39</sup>

De acordo com Musskopf, o movimento nascido na década de 1960 continua hoje lutando pela causa homossexual. Uma nova hermenêutica se faz urgente no sentido de compartilhar e ouvir as histórias dessas pessoas – histórias caladas e subpostas sob “tapetes” moralistas e homofóbicos. É essencial descobrir-lhes dentro do silêncio,<sup>40</sup> ajudá-las a perguntar, duvidar, questionar e, sobretudo, a não se esconder entre paredes de dor e exclusão, moralmente construídas em torno de sua condição. O silêncio opressor que mata e fere inúmeras pessoas LGBTs diariamente precisa ser quebrado a partir da emergência de uma nova ética, enraizada na consciência coletiva de que a exclusão, a homofobia e o descaso para com a vida integral da pessoa homossexual configuram *pecado social*, conforme ponderações acima.

Nascemos em um mundo moralmente “pronto”, no qual ser mulher é ser “x” e ser homem é ser “y”. As “normas” e listas morais nos são apresentadas como *naturais* pela família, sociedade, círculos de amigos e comunidade religiosa. E não importa a cultura ou a raça, toda a pessoa passará pela descoberta de sua sexualidade e, muitas vezes, tentará se encaixar nos moldes propostos como normativos, isto é, ser um indivíduo heterossexual capaz de se reproduzir.

Ocorre que a pessoa homossexual não se reconhece dentro deste molde, e a descoberta da sua sexualidade, muito provavelmente, não é tão simples. Momentos de dura dúvida e condenação perpassam a vida dessas pessoas e, amiúde, momentos de silêncios asfixiantes as infligem. Infelizmente, na comunidade de fé é preciso admitir que a situação pode ficar ainda pior. Noções de pecado (já comuns no ato sexual em si, mesmo dentro da “aceita” e “normativa” heterossexualidade) e condenação tornam-se palpáveis no campo religioso ao se tratar da homossexualidade. Assim, se uma pessoa homossexual partilha dessa verdade com a sua comunidade de fé, é possível escutar um discurso que busque ou ofereça a oportunidade de cura e conversão, a partir da não aceitação da homossexualidade. Outra situação corrente é aquela em

<sup>39</sup> MUSSKOPF, 2002, p. 30-33; MUSSKOPF, André. Além do arco-íris. Corpo e corporeidade a partir de 1 Co. 12. 12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: STRÖHER, Marga; MUSSKOPF, DEIFELT, Wanda; André; *À flor da pele*. 2 ed. São Leopoldo: CEBI/EST/Ed. Sinodal, 2006, p. 139-168.

<sup>40</sup> MUSSKOPF, 2002; MUSSKOPF, 2006.



que a pessoa recebe um acolhimento razoável, ou seja, é aceita e acolhida na comunidade de fé, mas não tem o direito de receber uma bênção matrimonial ou de assumir uma relação de namoro com outra pessoa de forma “assumida”. No campo teológico-acadêmico, a pessoa assumidamente homossexual também pode ter o direito de ser ordenada para o trabalho ministerial negado a si.<sup>41</sup>

Em inúmeras comunidades religiosas, as pessoas homossexuais são acolhidas e aceitas. Contudo, matrimônio e coabitação entre pessoas do mesmo sexo continuam sendo tópicos silenciosos ou, talvez, silenciados. Tal silêncio, entre outras causas, está ligado à dificuldade atual de discernimento ético e moral, uma crise enfrentada pela sociedade contemporânea, bem como pela igreja cristã composta por cidadãos e cidadãs comuns. Neste tempo, comunidades morais conservadoras e excludentes estão crescendo e se tornando cada vez mais fechadas, especialmente no meio evangélico neopentecostal. O discernimento moral e a alteridade são experiências que dificilmente se proliferam neste meio fundamentalista.

Da mesma forma, a ordenação de pessoas homossexuais “assumidas” é restrita em muitas denominações cristãs. Assim, feridas surgem, casais se afastam de suas comunidades por não se sentirem realmente acolhidos e aceitos. Teólogos e teólogas negam sua sexualidade para serem ordenados/as. Outros/as assumem-se celibatários/as, mesmo que esta não seja uma exigência ou imposição aos ministérios em algumas comunidades. Ademais, existem os casos de total negação, em que a pessoa passa a viver como se fosse “ilegal”, escondendo-se atrás dos muros do preconceito, vivendo sua sexualidade e seus amores em negações e silêncios. Esta é, também, uma situação de extrema violência para com a vida e para com o corpo do homem e da mulher homossexual.<sup>42</sup>

Os movimentos de ruptura supraditos questionam o sistema heteropatriarcal posto e estruturado desde os primórdios dos tempos. São milênios, séculos e séculos de cultura machista, classista, branca e heterossexual. Neste âmbito, a homossexualidade também é vista como ameaça ao patriarcalismo: o homem gay que não será pai, a mulher lésbica que abdica da sua “função nata”, a maternidade. Por eras, nada era mais natural do que o homem prover o sustendo para a mulher e os filhos, e, por sua vez, nada era mais natural do que a mulher obedecer e subjugar-se ao marido; destarte, um mundo implícita e explicitamente patriarcal não se mostra pronto e maduro para conceber a homossexualidade como aceitável e *natural*. Nesta última palavra, encerra-se um dos embates entre o fundamentalismo bíblico e as pessoas homossexuais. Homossexualidade não é “natural”. A Bíblia diz.<sup>43</sup>

<sup>41</sup> MUSSKOPF, 2002; MUSSKOPF, 2005.

<sup>42</sup> MUSSKOPF, André. *Talar rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2005.

<sup>43</sup> MUSSKOPF, 2002; RUETHER, Rosemary. *Sexismo e religião*. Rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo, Ed. Sinodal/EST-IPPG, 1993.

Neste tocante, Musskopf fala de uma nova hermenêutica: um contato da pessoa homossexual com a Bíblia não a fim de provar e comprovar a legitimidade da sua condição, mas sim para desconstruir, refazer e renascer a partir dela. Esta desconstrução é pertinente para que o mundo ouça as suas vozes falando e narrando o que a Bíblia diz sobre eles/elas. A proposta hermenêutica em tela *manuseia* a Bíblia como instrumento de *libertação* e *discernimento*. A teologia gay pressupõe um novo olhar para dentro da Bíblia, com os olhos das pessoas LGBTs.<sup>44</sup>

Romanos 1:26-27 (homens que se relacionam uns com os outros cometem ação vergonhosa)<sup>45</sup> e Levíticos 18:22 (deitar com um homem como se fosse mulher é uma abominação) são alguns trechos bíblicos, entre outros, nos quais o fundamentalismo encontra base para condenar a homossexualidade na Bíblia e, por conseguinte, na existência histórica e contextual de qualquer pessoa que se diga temente a Deus. A teologia gay busca superar esta leitura descontextualizada e unilateral. A mensagem bíblica ressurgue na vida das pessoas homossexuais de forma a apontar para caminhos de libertação e aceitação, negando qualquer comportamento homofóbico e violento contra a população LGBT.<sup>46</sup>

A teologia gay busca superar a noção injusta de que a condição homossexual é pecaminosa e a pessoa homossexual é culpada, resgatando histórias de relações mútuas e amorosas, de laços familiares homossexuais idênticos aos que pessoas heterossexuais experimentam; a diferença é que estas últimas nascem com o direito, e quase com o dever, de vivê-los livremente na sua comunidade moral.<sup>47</sup>

Com as mudanças socioculturais e populacionais instauradas nas sociedades ao longo das épocas, procriar, há muito tempo, deixou de ser tarefa urgente e primeira do ser humano. Contemporaneamente, um exercício de discernimento moral e ético precisa atentar para este fato. Além disso, contíguo aos movimentos libertadores e empoderadores aqui abordados, é importante estar ciente de que o advento de uma nova masculinidade (feminilidade e humanidade) não pode ser detido.<sup>48</sup> A moralidade veste-se com novas cores, com novos traços e tem novos rostos e corpos masculinos, femininos, gays, negros, indígenas... Esta é uma verdade eticamente inegável e urgente de aceitação.

Quando o direito à diferença se torna uma luta urgente, haja vista as exclusões e violências sofridas por questões de gênero e sexualidade, desconstruir a moralidade normativa e reconhecer

<sup>44</sup> MUSSKOPF, 2002; MUSSKOPF, 2006.

<sup>45</sup> Romanos 1. 26-27: 26. Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas: as suas mulheres mudaram as relações naturais em relações contra a natureza. 27. Do mesmo modo também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam em desejos uns para com os outros, cometendo homens com homens a torpeza, e recebendo em seus corpos a paga devida ao seu desvario.

<sup>46</sup> MUSSKOPF, 2002.

<sup>47</sup> MUSSKOPF, 2002; MUSSKOPF, 2006.

<sup>48</sup> MUSSKOPF, 2002.



a diferença (alteridade) são caminhos possíveis para uma nova ética cristã. Como pontua May, aceitar toda e qualquer moralidade aprendida não condiz com a ética, especialmente quando a moralidade vigente exclui e nega a *diferença* que perpassa a vida social e suas dinâmicas, gerando conflitos. Se aprender engloba consciência e criticidade e a moralidade não é natureza, e sim aprendido, discernir, portanto, é direito e dever dos que participam da sociedade marcada por transformações constantes, diferenças e pluralidade. A alteridade é reiterada como dimensão essencial para a mudança de eixo na comunidade moral excludente, pois ensina sobre a convivência frente à diferença e o tratamento de conflitos causados pela diferença.

### Considerações finais

O estudo apresentado discorreu sobre o discernimento moral para o advento de uma nova ética cristã pautada na dignidade e tolerância para com o outro, para com a outra. Ao adentrarmos a ética cristã, a pergunta acerca do próximo é central. No entanto, a questão-chave não é “quem é o meu próximo”, mas “para quem eu sou o próximo”. A preocupação da ética é o indivíduo-social; o ser individual e a sociedade são inseparáveis. Por esse viés, May considera indispensável à ética cristã reconhecer a experiência da *alteridade*, que é justamente a noção que pergunta, olha e enxerga o outro e a outra na sua diferença. Esta diferença é incorporada na experiência como componente essencial para o reconhecimento da nossa própria identidade. Ao olhar e ver o/a outro/a e ao reconhecer-se como o próximo da pessoa oprimida, pode emergir uma nova relação ética capaz de libertar as amarras do preconceito, da intolerância e da violência. Na atualidade, a *alteridade* surge como uma chave possível para gerar mudanças de eixo na comunidade moral excludente.

A leitura descontextualizada de textos sagrados vem oferecendo base para as comunidades morais religiosas tornarem-se fechadas e excludentes. Estas comunidades não reconhecem as mudanças históricas que perfazem a formação e a reformulação das sociedades e famílias contemporâneas, compostas por indivíduos cujas identidades individuais e coletivas são perpassadas por pluralidade e diversidade, em termos socioeconômicos, culturais, raciais, sexuais e de gênero. Com o advento de novas identidades individuais e coletivas marcadas por estas mudanças e transformações socioculturais decorrentes da contemporaneidade e de suas conquistas no campo dos direitos humanos e sociais, viver e compor uma “família” tornou-se sinônimo de pluralidade, especialmente no que tange à diversidade que perfaz a sexualidade humana. A família composta por pais heterossexuais na qual o pai é o provedor, bem como a família com pais heterossexuais na qual a mãe e o pai exercem funções igualitárias são modelos de família que integram as sociedades contemporâneas, porém, há núcleos familiares que apresentam outras configurações (mães e pais solteiros, casais homossexuais, casais sem filhos etc.). Do mesmo modo, a instância do matrimônio é redesenhada pelas experiências cotidianas desses sujeitos



contemporâneos, sendo muito comum a instauração de divórcios. Por outro lado, muitas pessoas escolhem viver e construir uma família sem, necessariamente, optar pelo casamento civil e/ou religioso.

A comunidade moral religiosa conservadora e a normatividade heteropatriarcal apresentam resistência e, em alguns casos, declaram guerra a esta noção de família plural que não se enquadra no molde interpretado como o único modo de construir uma família com bases no matrimônio indissolúvel e na heterossexualidade patriarcal. Esta postura, outrossim, é legitimadora de exclusões, discriminações e violências sofridas por indivíduos que escapam à esta noção de família ou por mulheres que são dominadas em casamentos violentos.

Ao tratar de movimentos que buscam romper com estas realidades patriarcais excludentes, violentas, sexistas e heterossexistas, a teologia feminista assegura que foi a experiência masculina que ditou a teologia clássica. Destarte, a teologia feminista surge como uma ruptura das estruturas unilaterais e sexistas a fim de promover a humanidade plena das mulheres e alega que tudo que desencontra a humanidade plena das mulheres ou de qualquer ser humano *não é divino*. Assim como a teologia feminista, a teologia gay também reivindica o reconhecimento da pessoa homossexual como sujeito histórico, autêntico e pleno. Ruether afirma que “o movimento de Jesus começou a vislumbrar a possibilidade de transformar os relacionamentos de raça (etnia), a escravidão e o sexismo”.<sup>49</sup>

Nesse tocante, Musskopf defende uma nova hermenêutica bíblica, um novo contato da pessoa homossexual com a Bíblia. Essa nova hermenêutica não está para provar e comprovar a legitimidade da homossexualidade, mas para desconstruir, refazer e renascer a partir dela. A teologia gay pressupõe um novo olhar para dentro da Bíblia, com os olhos das pessoas homossexuais que colorem e vivem a vida da sua forma. Este assunto requer ampla atenção neste momento histórico haja vista os direitos humanos de pessoas homossexuais que sofrem diariamente com as chagas do preconceito, discriminação e intolerância, sinônimos de violência e morte, antônimos da mensagem cristã de amor ao próximo.

Conclusivamente, é inegável que o mundo mudou e muda de forma acelerada. Assim, também mudam as pessoas e as suas formas de viver através dos tempos. Ao redor do mundo, surgem mudanças de opiniões e eixos nas atitudes, posturas, regulamentos e leis frente à homossexualidade, frente aos direitos e dignidade das mulheres. É possível vislumbrar que a moralidade estanque começa a ser cada vez mais questionada em diversos âmbitos do conhecimento e por movimentos de ruptura. Todavia, o silêncio frente à opressão e violência contra

---

<sup>49</sup> RUETHER, 1993; MUSSKOPF, 2002.

as mulheres e a negação da homossexualidade como dimensão da sexualidade humana *continuam* a fazer vítimas e a excluir pessoas em muitas comunidades morais cristãs.

## Referências

- BOFF, Clodovis; CHRISTO, Alberto Libanio. Pecado Social y conversion. In: *Pecado social y conversion estructural*. Bogota: CLAR, 1978.
- BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- CHICAGO, Judy. *The Dinner Party: a symbol of our heritage*. Anchor Books, Garden City, New York. Edition 1979.
- DALY, Herman E.; COBB, John B.; COBB, Clifford W. *For the Common Good: Redirecting the economy toward community, the environment, and a sustainable future*. Universidade de Minnesota: Beacon Press, 1989.
- DUSSEL, Enrique. *Ética comunitaria*. Florida, Argentina: Ediciones Paulinas, 1986.
- FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 2008.
- MUSSKOPF, André. *Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: EST, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Talar rosa: Homossexuais e o ministério na igreja*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. Além do arco-íris. Corpo e corporeidade a partir de 1 Co. 12. 12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: STRÖHER, Marga; MUSSKOPF, A.; DEIFELT, Wanda; *À flor da pele*. 2 ed. São Leopoldo: CEBI/EST/Ed. Sinodal, 2006, p. 139-168.
- NEUENFELDT, Elaine. Abrindo as janelas – Olhares da Teologia Feminista, Gênero e Religião sobre Epistemologia, Violência e Sexualidade In: \_\_\_\_\_; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2008, p. 7-12.
- ORWELL, George. *Animal Farm*. Penguin Books Limited, 2003.
- RUETHER, Rosemary. *Sexismo e religião. Rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal/EST-IPPG, 1993.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

[Recebido em: fevereiro de 2016 /  
Aceito em: julho de 2016]